



Sem duvida: tal redesenhar das cartas geograficas já esta em curso, e esta recorrendo a varios parametros por enquanto nao coordenados. Exemplo: sob o criterio "renda per capita" a Franca aparecerá nas cartas geograficas varias vezes maior que a China, e sob o criterio "custo de bilhete" a distancia entre Londres e Nova York aparecera menor que a distancia entre Londres e Belgrado. A vantagem de tais cartas e a de perturbar nossa fe nas projecoes geograficas classicas, baseadas em quilômetros, ja que nao nos permitem reconhecermos nelas a superficie terrestre a qual estamos habituados, e ja que sao existencialmente mais informativas que a projecao Mercator. Acresca-se a isto, que tais cartas novas nao sao senao precursoras de cartas sintetizadas por computador, o qual permitira sobreposicao de varios criterios, por exemplo: carta mostrando a densidade de restaurantes sobreposta sobre carta mostrando o custo da vida. Nao resta duvida que nossas futuras decisoes individuais e politicas terao tais cartas novas por base, de maneira que a nossa visao da geografia será radicalmente outra.

No entanto: tudo isto, por revolucionario que seja se for efetivamente consientizado, ainda nao refletira a reformulacao da nossa visao geografica que nos e imposta. As novas cartas salientam as diferencas regionais, em vez de as diluirem: na grande maioria delas a America do Norte, a Europa Ocidental e o Japao aparecerao muitas vezes maiores que o resto do mundo. O atual declive norte-sul, via de regra apenas concebido, se torna imaginavel em tais cartas. O que sugere por que tais cartas novas nao sao satisfatorias: fixam eles o espaco em determinado momento, quando o que importa e mostrar como os varios espacos estao sendo arrastados rumo a um ponto de convergencia que os sincroniza. As novas cartas geograficas continua sendo fotografias, (ate se forem projetadas em tela de computador), quando o que importa e termos filmes. Nao duvido por um instante que cartas geograficas filmicas, (ou video), sao tecnicamente viaveis. Nao estao sendo feitas, (ou, se feitas, nao sao disponiveis), porque aniquilariam as ideologias politicas, culturais e sociais que nos dominam, e nos deixariam desorientados. Tais cartas filmicas mostrariam a tendencia acelerada rumo ao desaparecimento do espaco geografico em ponto de convergencia, em zero-dimensionalidade articulada pelo termo "utopia", (ausencia de espaco).

Dito isto, é preciso confessar que dispomos, desde já, de tais cartas filmicas, e que as manipulamos quotidianamente. Na nossa tela TV varios espacos geograficos, outrora tidos por distantes um do outro, se acotovelam, e passam a interferir um no outro. E dentro em breve disporemos, gracias a satelites, e sobretudo gracias a cabos reversiveis, de metodos para fazermos sobrepor um espaco sobre o outro, e destarte criar zonas cinzentas que constituirao outros tantos espacos novos. Exemplo classico: revolta estudantil no Mexico, em Paris e em Praga na primavera 68 formara, destarte manipulada pelo "receptor", um unico espaco. Nao conceitualmente, mas visualmente, enquanto imagem sonora. E tal imagem, transformada em fundo de imagem da revolta estudantil no Cairo em 84, mostrara um ponto de convergencia da tendencia de 68. Carta geografica nova esta, e que ja esta funcionando, sem que ainda ~~seja~~ admitida enquanto carta.

O que estamos assistindo, com efeito, e "superacao" da geografia em significado ainda muito mal analisado. O ato historico tende a visar, nao mais tanto determinado espaco para modifica-lo, mas determinada imagem como que suspenso fora do espaco. Exemplos classicos: monge vietnamita que se suicida com fogo em funcao de camera TV, e piratas que captam aviao israeli e esperam a chegada da camera antes de explodi-lo. Exemplo recente: nao houve revolta nas townships sudafricanas, porque o estado de sitio impediu os cameramen film-la. Isto implica que os processos historicos estao decolando da geografia para se dirigirem rumo a imagens imateriais que pairam por cima da geografia. No entanto: tais imagens imateriais nao sao telas de fundo passivas sobre as quais os atos historicos se precipitam. Exercem acao sugadora, sao sedentas de sempre novos "acontecimentos". Sob tal succao convergente a historia se acelera, e se precipita, em progresso sempre mais furioso, imagens adentro. Ate acontecimentos em regioes afastadas, (isto e: de dificil acesso as imagens, o que e nova categoria geografica), vao sendo recuperados, e o Afghanistan e disto exemplo. A visao historica que isto impoe e esta: a corrente historica brota de varios pontos na superficie terrestre, vai sendo sugada por imagens trans-geograficas, la vai ser re-processada, re-projetada indiscriminadamente sobre o globo terrestre, e vai servir de modelo para toda acao historica futura, nao importa a regio geografica na qual ocorre.

Ora, tal nova visao da historia implica nova visao da geografia. A superficie terrestre enquanto suporte para as projecoes provindas das imagens. A divisao tradicional da geografia em "fisica" e "humana", adquirira significado novo. A geografia fisica tratara da estrutura do suporte que capta as mensagens provindas da rede informatica, e que lhe fornece dados. E a geografia humana tratara do processo de convergencia no qual as varias sociedades ainda separadas em regioes estao empenhadas. Alcançada tal meta, tal utopia, a geografia humana tera perdido o seu assunto.

Parte apreciavel da sociedade abandonou, desde ja, o seu suporte geografico e passa, horas a fio, em terreno que transcende a geografia. Nao apenas quando olha a televisao ou ouve transistores. Esta nossa reuniao, que se passa aparentemente em bairro paulistano, ocorre na realidade em contexto trans-geografico, e tem por vizinho, (nao os demais bairros paulistanos), mas reunioes afins, nao importa aonde ocorram. A geografia esta deixando, desde ja, a determinar a vida dessa parte da sociedade. As imagens sugadoras de historia e re-projetadoras da historia sao habitadas por parte apreciavel da sociedade, a parte que se dedica ao processamento de tais imagens. Esta nossa reuniao pode servir de exemplo de como as imagens sao processadas: para nos, aqui e agora, a geografia nao mais e condicao que nos envolve, mas assunto sobre, (isto e: por cima de), o qual estamos discorrendo, para fabricarmos imagem com tal discurso.

Pois isto me parece ser criterio importante para a distincao entre o dito "primeiro" e "terceiro" mundo: as sociedades do primeiro mundo passam tempo apreciavel da sua vida na transcendencia da geografia, e as do terceiro estao ainda geograficamente determinadas. Duas consequencias do criterio proposto: Nos aqui

agora pertencemos ao primeiro mundo. E se um de nos, ao sair desta reuniao, for assaltado por trombadinha, passara a pertencer ao terceiro mundo. O que implica que a fronteira entre o primeiro e o terceiro mundo nao mais e linha geografica, mas linha existencial: passa ela no intimo de cada um dos atuais membros da humanidade. A geografia deixou de ser disciplina competente para a divisao entre primeiro e terceiro mundo. E ela um dos assuntos que a geografia perdeu.

A ideologia que nos domina impede que concientizemos tal transcendencia da geografia ora em curso. As novas estruturas que estao emergindo em desprezo pelas condicoes geograficas, e que nos estao absorvendo de forma sempre mais acentuada, sao por nos etiquetadas por nomes ideologicos que sugerem serem elas implicadas em geografia. Nomes do tipo "internacional", "multinacional", banco "mundial" ou "nações unidas" fazem crer que se trata de tentativas de interferir na geografia. Na realidade, tais novas estruturas escapam as categorias proprias a geografia. Quem nelas estiver engajado, terá superado a sua condicao geografica, participara do primeiro mundo, e quem as criticar do ponto de vista regional, geografico, sera inserido no terceiro mundo, e que seja apenas porque sua ideologia o impele para tanto.

•-•-•-•-•-•-

Esta comunicacao tratou, ate agora, de utopia, embora de utopia em vias de realizar-se. E preciso, no entanto, considerar tambem as atuais tendencias que se opoem a realizacao de tal utopia. Tendencias geografistas, ou, para usarmos termo mais habitual tendencias regionalistas. Sao tendencias que nao apenas continuam insistindo em tal "espírito do espaço", mas que procuram artificialmente re-anima-lo. Seria facil demais chamarmos tais tendencias, (por exemplo a do separatismo basco ou bretao, a do regionalismo napolitano ou macedonio, ou a do culturalismo bavaro ou escocez), de tendencias reacionarias que procuram em vão opor-se a tendencia geral rumo a convergencia do espaço sobre o ponto da utopia. Porque nao ha como negar que de fato ha regioes nas quais algo que possa ser chamado "espírito do espaço" continua agindo poderosamente, e que pode impedir que a geografia seja superada. Mencionarei apenas duas de tais regioes, para ilustrar o problema: o Oriente Medio e o subcontinente indiano.

Nao consultem suas cartas geograficas tradicionais para ver em que estou falando. Porque o regionalismo levantino se manifesta tanto em Paris e Munique quanto em Alger e em Constantinopla, e porque o regionalismo hindu esta se apoderando mais das universidades americanas que das indianas. Pois tais dois regionalismos estao insuflados por um espírito de espaço que se quer transregional e que tem o nome de Islam e de Hinduismo. Nossa tendencia intestinal para afirmar que os espíritos do espaço Islam e Hinduismo sao contrarios ao espírito do nosso tempo, (que fenomenos como Kadafi ou Moon sao anacronicos), deve ser resistida. Porque tal revolta da geografia contra a trans-geografia, tal revolta do terceiro contra o primeiro mundo, pode perfeitamente apoderar-se do espírito do nosso tempo, e impedir que a utopia se realize.

O importante a notar nisto e que todo regionalismo, para poder afirmar-se

e necessariamente universalismo. O Islam visa a UMMA, o Hinduismo a salvacao da humanidade toda, exatamente como o fez outrora o regionalismo ocidental sob forma do cristianismo e da tecnica fundada sobre ciencia exata. Toda vez que a geografia se afirma, tende a ultrapassar-se. Na realidade pois os movimentos terceiro-mundistas, e que se articulem em cantos aparentemente tao isolados quanto o é o Burkina Fasso, nao visam independencia ou soberania regional, (conceitos estes esvaziados de qualquer conteudo existencial no contexto atual), mas visam o globo inteiro. (Citei Burkina Fasso, porque ainda ha pouco tempo era chamado de Imperio, isto e: dominio sobre o globo). Nao ha geografia que se contente sendo geografia, nao ha espirito do espaco que nao tenda a apoderar-se do espirito do tempo.

E isto permite propor-lhes a seguinte conclusao deste excursu peremptorio para a geografia: A humanidade está decolando da superficie terrestre, nao apenas literalmente sob forma da astronautica, mas ainda mais significativamente sob forma de sincronizacao dos eventos. Parte apreciavel da sociedade age e pensa desde ja em categorias nao condicionadas pela geografia. E os que resistem a tal abandono das raizes, a tal recusa do colo protetor da Grande Mae terra, os atuais regionalistas, patriotas, nacionalistas e demais terceiro-mundistas, (estejam eles no sul ou no norte do Equador), estao na realidade querendo apenas injetar o seu sabor regional para dentro do ponto de convergencia para o qual todas as regioes estao se precipitando. Devemos repensar a geografia, antes que nao haja mais geografia para ser pensada.